CONTOS, MINICONTOS E POEMAS

Infantojuvenis

VOL. VII

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-79546-2
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

A VELHA DO SACO, POR IRACI J. MARIN, PÁG. 05
MINHA INFÂNCIA, POR LA, PÁG. 09
PEDRO, PEDROCA, PEDRINHO, PEPÊ, POR MEIRE MARION, PÁG. 11
GERAÇÕES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 13
CANTA CECÍLIA!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 15
VOANDO EU VOU, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 17
ALÉM DO VISÍVEL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 19
E.T, POR VERA LÚCIA HORTA PAIVA, PÁG. 21
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 23

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS INFANTOJUVENIS - VOL. VII

APRESENTAMOS O CONTO

A Velha do Saco

Por Iraci J. Marin

Iraci José Marin reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com)

Era uma vez uma velha que carregava nos ombros um velho saco sujo. Era magra e caminhava encurvada, talvez por causa do peso do saco. Ninguém sabia o que ela levava dentro dele, mas parecia sempre cheio de alguma coisa.

Todo mundo a conhecia como a “velha do saco”.

Morava num casebre coberto de capim e papelão; as paredes eram feitas de pedaços de madeira de vários tamanhos. Ela tinha muitos cachorros.

O casebre ficava ao lado de uma estrada de chão, perto da cidade.

A gente tinha medo dos cachorros e dela.

E curiosidade.

O que tinha na casa? O que ela comia? Dormia com os cachorros?

As crianças não se arriscavam a ir sozinhas até a casa da velha do saco. Era muito perigoso.

Fomos em grupo até lá algumas vezes. Mas só olhávamos de longe. Os cachorros pareciam muito bravos.

Todo mundo falava tantas coisas da velha do saco que amedrontava a criançada. Em todas as casas diziam:

— Já está escuro. A velha do saco vai te pegar se não entrar logo...

— A velha do saco vai te pegar se não tomar banho... se disser nome feio...

— A velha do saco bota criança desobediente dentro daquele saco e leva embora...

A gente obedecia sempre.

* * *

Um dia, tomamos coragem e fomos juntos até lá, na esperança de que ela e os cachorros não estivessem. Aí a gente podia entrar no casebre e saber se ela escondia criança.

Já estávamos perto do casebre quando ela apareceu no fundo da estrada. Foi Alfredo que a viu e gritou:

— Olha a velha do saco vindo lá...

Saímos correndo de volta, em disparada. O susto foi grande. Lembro que o meu coração batia tão depressa que parecia sair pela boca.

Dias depois, nos enchemos de coragem de novo e fomos até lá. Primeiro ficamos atrás de uns arbustos, esperando que ela saísse. Ali ficamos bastante tempo. Finalmente ela saiu, seguida de seus cachorros e carregando nas costas o velho saco de pano. Quando tinha desaparecido numa curva da estrada, corremos até o casebre.

Empurramos a porta, que abriu com facilidade. Entramos devagar, tremendo...

O casebre tinha só uma peça. O piso era de chão batido. Num canto, havia um monte de roupas, decerto era onde ela dormia. Tinha umas tralhas espalhadas pelo chão e um cheiro bem ruim no ar.

Esperávamos encontrar cabelos de meninas, roupas infantis e até crianças amarradas...

Luísa logo comentou:

— Não tem nenhuma criança aqui!

Depois de alguns segundos, Carlos exclamou:

— Ela não tem nada!

— O que será que ela come? — foi a pergunta do Pedro.

— Não tem banheiro... — falou Alberto.

A gente estava ali, sem ação e um pouco tristes com a pobreza da velha do saco, quando ouvimos latidos de cachorros. Tratamos de sair rápido, mas ela já estava na porta do casebre. Tremendo de medo, ficamos olhando pra ela, que olhava pra nós. Tinha olhos medonhos, abria e fechava a boca enorme e sem dentes.

— O que fazem aqui? — perguntou com voz rouca.

Ninguém respondeu.

Então falou mais alto:

— O que fazem aqui dentro da minha casa?

Ficamos estáticos, quase petrificados de medo, e de novo ninguém falou nada.

Daí ela foi amarrar os cachorros num tronco de árvore caída e pegou uma vara. Foi o tempo que deu pra sairmos correndo,tropeçando nas canelas e nas pedras da estrada, gritando apavorados.

Ela também gritou coisas que a gente não entendeu, parecia uma desesperada de tanto que gritava... Estávamos bem longe do casebre quando paramos. Esbaforidos, mas salvos, começamos a rir do susto. Luísa disse:

— Eu nunca mais vou lá!

Outros falaram outras coisas e acabamos combinando que aquilo era um segredo. A gente não podia falar nada pra ninguém antes de ficar grande.

Depois, cada um foi para sua casa pensando coisas em sua cabeça.

Mas todos estávamos com uma certeza: a velha do saco não pegava crianças!

APRESENTAMOS A CRÔNICA

Minha Infância

Por LA

Me chamo Liduina Maria Alves Feijão sou formada em Letras Português pela Universidade Federal do Ceará _ UFC Virtual, pós graduada em Educação Infantil e Alfabetização pelo Instituto Prominas.

Atualmente trabalho em uma sala da EducaçãoInfantil e gosto muito de escrever para crianças.

Começarei esta história contando do começo, quando era ainda bem pequena e ficava andando na calçada feita de cacos de cerâmica.

Hoje sei que era à tardinha, porque era uma hora fria.

Lembro que ficava sentada na minha casa de chão batido olhando pela janela.

Fui crescendo e fui estudar em uma escola perto da minha casa, ali passei longos anos, entrei criança e saí adolescente.

Era uma menina tímida, mas consegui concluir todo o Ensino Fundamental, com olhos castanhos muito vivos e muito introspectiva.

Na minha sala havia uma aluna que morava perto do rio e sempre que saíamos cedo ia para a sua casa para a gente tomar banho naquele rio juntamente com suas irmãs mais velhas.

A noite era só diversão no jogo de bola com as primas de uma brincadeira chamada cemitério.

Cabelo amarrado, vestido solto e pulseira de penduricalho esta é uma lembrança muito viva e presente da minha pré adolescência.

Cresci e foi tanta vida vivida, tantos acontecimentos inesperados que daria ate um livro bem grande daqueles inteirinho.

A vida é assim uma caixinha mágica de surpresas.

Ser criança é muito bom.

APRESENTAMOS O POEMA

Pedro, Pedroca, Pedrinho, Pepê

Por Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie (2018), O menino que não sabia de onde veio (2021)Dois Gatinhos (2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

Pedro, meu sobrinho neto és lindo e belo,
Para seus pais veio fortificar um elo.
Um pequeno tesouro que foi trazido à luz,
Uma pequena joia que o amor reluz.

Pedrinho, um anjo enviado dos céus,
Espalha alegria aos familiares seus,
Com seu jeitinho tão delicado,
Cada um está completamente apaixonado.

Pedroca, cada suspiro e choro soados,
Será uma música para nossos ouvidos,
O tempo voa tão rápido, meu querido,
Mas cada momento será intensamente vivido.

Pepê, que a vida te brinde com momentos abençoadas,
E que o mundo seja gentil em tuas caminhadas,
Que cresças forte, feliz e cheio de bondade,
E saibas que serás amado por toda eternidade.

Pedro, que a vida lhe reserve muitas aventuras,
De risos, sonhos e emoções puras.
Que encontres sempre amor e felicidade,
E que sejas abençoado em cada nova idade.

Meu pequeno sobrinho neto, que a vida lhe sorria em cada nascer do sol,
Seja bem-vindo e saiba que serei sempre sua orgulhosa tia-avó.

APRESENTAMOS O POEMA

Gerações

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

A crescerem n`outro tempo... num panorama
diverso, com desajustados modelos...
e mais botões que os dedos das mãos...
seriam tão diferentes de nós, estes rebentos?

E nós, quão dessemelhantes de nossos pais?
Dos primórdios da humanidade, já distante,
com suas particularidades, cada geração.
E as cores antigas, talvez só nos genes, guardadas.

Mas, seria esta a questão principal?
Talvez, herdando o que recebemos,
acrescentando o que produzimos,
um amontoado de artifícios, surge e se instala.

Artifícios a substituírem peças originais...
No lugar de diálogo, de tempo, de paciência
e educação,... agrados... E assim, maquiada
e insuspeita, a nossa inabilidade se consolida.

E transgressões acumuladas, continuamos a testemunhar...
Há tragédias? Recaem sobre os acusados, todas as penas.
E nunca nos detemos seriamente para ajustar o forno social
que péssima cerâmica, continua a moldar.

APRESENTAMOS O POEMA

Canta Cecília!

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Canta Cecília, canta!
E Cecília de tanto cantar,
em canção ritmada
de suas estrofes rimadas,
se transformou.

Canta Cecília, canta!
Ventos, nuvens, mar
e tantas outras coisas
Cecília cantou.
E em seu canto,
Cecília voou.

APRESENTAMOS O POEMA

Voando Eu Vou

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Nas linhas, não sou eu.
Nas entrelinhas, não caibo.
Ah, tortuosamente,
a caneta!
Ao sabor do sopro
do vento.

E no mais vento que solo.
Mais amplitude.
Nunca paredes.
A voar sempre...
Nas asas do meu
pensamento.

APRESENTAMOS O POEMA

Além Do Visível

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

No espaço,
partículas sou eu.
A se agarrarem a nada.
Ao se soltarem
da amarra.

Livre...livre!...
A explodir de prazer.
A não me conter...
alegria!
A não me caber
neste corpo.

APRESENTAMOS O MINICONTO

E.T

Por Vera Lúcia Horta Paiva

Formou-se em Agronomia pela UNB. Trabalhou no Banco do Brasil, aposentando-se em 2010. Em 2020, criou o projeto "Arara voa", álbum de músicas infantis e historinhas. E em 2022, lançou seu primeiro livro infantil "Tchau Amigo Cocô!", que fala sobre o desfralde. Seu Instagram é araravoa20 e o Álbum de músicas para crianças está nas principais plataformas digitais (Arara voa - Vera Horta).

Era verde e tinha duas antenas na cabeça. Reparei também que tinha dois braços muito finos. Foi de noite, surgiu de repente, bateu na minha janela e me chamou pelo nome.

- Manhêêê!

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**